

APRESENTAÇÃO

A PANDEMIA EM UM MUNDO COMPLEXO E GLOBAL | PÓS-COLONIALIDADE E SOLIDARIEDADE EM PERSPECTIVAS

No início do ano de 2020, a província de Wuhan na China tornou-se o centro das atenções do mundo, o que se deu a partir das notícias que se espalharam rapidamente sobre um novo tipo de coronavírus, sobre o qual pouco se sabia até então. Logo, tornaram-se recorrentes nas redes sociais afirmações etnocêntricas e racistas envolvendo a suposta relação entre a origem do vírus e os hábitos alimentares chineses, além de falas de líderes mundiais, como Donald Trump, que responsabilizavam diretamente o país asiático pela pandemia. Em pouco tempo, a pandemia mudou seu epicentro da Ásia para a Europa, e da Europa para as Américas, aumentando as tensões entre os países, com a tomada de medidas drásticas que envolveram o confinamento em massa e o fechamento de fronteiras, o que foi ocorrendo de forma relativamente heterogênea em distintas nações.

A pandemia levou à produção de análises que evidenciavam o questionamento do modelo capitalista neoliberal em nossas sociedades, assim como outras questões como especismo, hábitos de consumo, desigualdades raciais etc. Ainda que num primeiro momento tenha sido amplamente noticiado que o grupo de risco da pandemia era constituído principalmente por idosos e pessoas com problemas de saúde anteriores, como evidenciava a experiência da Itália, posteriormente tornou-se evidente que as desigualdades é que produzem os principais grupos de risco, entre nações e dentro dos próprios países. Isso significa que a pandemia possui impactos distintos no Norte e no Sul global. Migrantes e refugiados que se encontram na Europa, que compõem uma parcela expressiva da população que atuam em serviços precarizados e que não pararam durante a pandemia (como nos serviços de entrega por aplicativos), assim como as populações de regiões da América Latina, enfrentaram uma maior exposição ao vírus por meio do acesso a transportes públicos precarizados, e sistemas de saúde colapsados.

O ineditismo da situação que se desdobrou num confinamento da população mundial como nunca antes visto, ocorreu de forma concomitante a fortes movimentos

negacionistas, que tanto se recusavam (e se recusam) a acreditar na existência do vírus e de seus efeitos, como também se posicionaram contra as medidas indicadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Tornou-se célebre na imprensa mundial a posição do presidente brasileiro Jair Bolsonaro que classificou a pandemia como uma “gripezinha”, defendendo ainda o uso da hidroxicloroquina como prevenção e tratamento da COVID-19, ainda que não haja comprovação científica para tanto.

Deve-se ainda enfatizar o impacto do isolamento e do distanciamento social sobre as formas de sociabilidade, de interação e de formação de vínculos sociais. Esse fenômeno implica na necessidade de redimensionarmos as ferramentas de análise das ciências sociais, especialmente no que diz respeito aos fundamentos da pesquisa social. Tem-se ampliado a discussão sobre como produzir trabalho de campo, realizar entrevistas, interagir com nossos sujeitos de pesquisa sem a interação face a face no sentido mais tradicional do termo.

Para contribuir para o debate a REALIS lançou um edital para recepção de artigos sobre o tema e para surpresa do Editorial recebemos um número considerável de bons artigos o que nos levou a organizar dois números sobre a Covid-19. O primeiro lançado no mês de outubro de 2020 procurou abordar o tema considerando três grupos temáticos: um primeiro sobre “Desafios teóricos da sociologia” com contribuições de Geoffrey Pleyers, Sari Hanafi, Breno Bringel e Alexandre Simão de Freitas. O segundo grupo intitulado “Impactos ecológicos e políticos” conta com as participações de Paul Cary e Jacques Rodriguez, Jaime Torres Guillen, Elimar Pinheiro do Nascimento e José Esteban Castro. O terceiro grupo nomeado “Implicações sobre os estudos pós-coloniais” conta com as presenças de Jaime Ríos Burga, Amurabi Oliveira e Julio Mejía Navarrete. Além desses colaboradores acima assinalados este número da REALIS conta com uma entrevista especial do sociólogo argentino Adrián Scribano que foi realizada especialmente para a REALIS e também de um artigo/resenha de Paulo Henrique Martins em resposta a resenha de Ricardo Regatieri sobre seu último livro “Teoria Crítica da Colonialidade”.

Neste segundo número consideramos dois grupos temáticos: um intitulado “A crítica da crise e os rumos do poder” e o outro “Impactos sobre a vida social”. No primeiro grupo contamos com as colaborações de Felipe Maia; Luca Bussotti, Severino Elias Ngoenhae Giveras do Amaral; Adriano Vinale; André Magnelli e Paulo Henrique

Martins e, enfim, Monica de Lourdes Neves Santana. No segundo grupo temos os seguintes textos: em primeiro lugar aquele assinado por Camila Loureiro; em segundo, Juliana Guerra; em terceiro, Anne Gabrielle; em quarto, Elias Fernandes Mascarenhas Pereira e Laerte de Paula Borges Santos Correio e, em quinto, Patricia Araújo, Suelen de Alencar Soares, Simone Bezerra Franco e Leides Barroso de Azevedo Moura.

Felipe Maia no seu artigo “O que pode a crítica diante da crise? Um ensaio sobre tendências de crise, pandemia e modos de reflexividade” argumenta que a teoria crítica deve contribuir para a compreensão do significado que a “crise” assume no tempo presente, procurando esclarecer a lógica entre tendências de crise distintas, com destaque para os problemas relativos à interação entre neoliberalismo, globalização e Antropoceno que minaram mecanismos reflexivos anteriormente existentes no âmbito das economias capitalistas e dos estados nacionais, exigindo outras respostas mais adequadas. Por seu lado, Luca Bussotti, Severino Elias Ngoenhae Giveras do Amaral no texto “A responsabilidade democrática e o catastrofismo emancipatório em tempos de Coronavírus. Por uma nova ética coletiva anti-utilitarista” propõem que um dos elementos centrais que tem acompanhado as ocorrências do Covid-19 tem a ver com o suposto alargamento da responsabilidade pública a todos os cidadãos, com o objetivo de evitar a difusão do contágio. Com base na teoria da responsabilidade de Jonas, o estudo proporciona uma reflexão filosófica em volta das possíveis mudanças no relacionamento entre governados e governantes ocorridas no período da pandemia, identificando as possíveis alternativas num momento de “emancipação catastrófica”.

O terceiro artigo, ainda neste primeiro grupo voltado para a crítica é de Adriano Vinale e intitulado “Epidemiologia política: Notas para uma análise foucaultiana da pandemia”. Neste texto o autor, inspirado na obra de Foucault sugere que a gestão política pandêmica produziu um novo controle social e políticas de segurança altamente eficazes, o que nos expõe a uma configuração sem precedentes do poder soberano de fazer as pessoas viverem e deixá-las morrer. O autor considera que as três disposições de poder sugeridas por Foucault - soberania, disciplina e biopolítica - são relevantes para o desenvolvimento de sua reflexão sobre a pandemia. O quarto artigo de autoria de André Magnelli e Paulo Henrique Martins nomeado “Ciudadanía sitiada: ¿existe un dilema entre el aislamiento social y la movilización negativa?” parte do princípio que A

população brasileira foi apanhada no fogo cruzado de alternativas binárias drásticas entre o isolamento social e a mobilização negacionista, gerando uma ansiedade crescente, pois não se vê solução para a pandemia a médio prazo. Os autores entendem que a alternativa bifocal entre ficar em casa isolados, por um lado, ou liberar a economia, por outro, pressupõe um falso dilema entre o reconhecimento da crise sanitária devido ao isolamento social e a negação da gravidade da pandemia devido ao convite à rua para uma remobilização geral. Enfim, fechando este primeiro grupo temos o texto de Monica de Lourdes Neves Santana intitulado “A trajetória de um vírus em tempos pós coloniais”. Neste texto, a autora propõe que a culpabilização das pessoas menos esclarecidas com relação à disseminação da pandemia está ligado à manutenção do espaço de dominação das elites enraizado no discurso colonial. O objetivo do artigo é mostrar que a entrada e a proliferação do vírus no Brasil se deu graças à elite com seu alto poder aquisitivo de arcar com despesas de viagens internacionais.

No segundo grupo deste número da REALIS intitulado Impactos sobre a vida social temos como primeira contribuição o texto de Camila Loureiro e nomeado “Pedagogias decoloniais no contexto de pandemia do covid-19: desafios e possibilidades do fazer docente”. A autora considera na sua reflexão o papel profissional do professor/a, em uma conjuntura de crise provocada pela pandemia do COVID-19. A partir de uma perspectiva decolonial ela considera ser possível atingir dois objetivos: a) denunciar os desafios do fazer docente crítico no atual contexto; b) anunciar alternativas de superação, que vem sendo construídas pelos movimentos sociais populares e que podem ser lidas na chave de estudos decoloniais. O segundo artigo deste grupo é de Juliana Guerra e intitulado “Solidariedade na pandemia: das redes para as ruas”. A autora considera que populações vulnerabilizadas, como as de rua, se encontram em condições tão insalubres que tornam impossível a realização os cuidados sanitários de prevenção à Covid-19. Esse sofrimento tem despertado o sentimento de solidariedade que se transformou em ações de ajuda coletiva. Um dos destaques é o Coletivo “Unificados Pela População em Situação de Rua”, que atua na Região Metropolitana do Recife. Ela considera que o despertar da solidariedade na formação dos laços sociais diante da pandemia, exige o aporte do pensamento antiutilitarista e do paradigma da dádiva.

No terceiro artigo deste segundo grupo temos o artigo de Anne Gabrielle sobre “Entre o individualismo e a solidariedade: as comunidades acadêmicas em tempos de

pandemia”. Nele a pesquisadora se debruça sobre os impactos da pandemia sobre as relações sociais e sobre as preocupações despertadas pelos integrantes das comunidades acadêmicas do Nordeste brasileiro. No artigo, ela destaca que os dados da pesquisa apontaram para manifestações de solidariedade mas também revelam preocupações de natureza individualista e economicista, o que leva à reflexão sobre a reprodução de uma lógica capitalista que reforça desigualdades estruturais nas representações acadêmicas. O quarto artigo produzido por Elias Fernandes Mascarenhas Pereira e Laerte de Paula Borges Santos Correio se intitula “População penitenciária: necropolítica e a pandemia do novo coronavírus” e visa analisar a relação da pandemia com a população carcerária. Os autores explicam que ao se tomar a necropolítica enquanto um operador analítico dos efeitos mortais materializados pelas atuais políticas de segurança pública no país, endereçadas especialmente a pessoas negras e pobres, entende-se o descaso do Estado brasileiro na implementação de medidas efetivas de saúde para com a sua população prisional, compondo um fio poderoso de eliminação desses corpos matáveis. Em contrapartida, para a superação desse modelo, sugere-se a construção de políticas de proteção a vida, realocando esses indivíduos na hierarquia de humanidade, entendendo que o crime é apenas uma parte da história de pessoas. Finalmente, o último artigo deste segundo número de REALIS de 2020 é de autoria de Patrícia Araújo, Suelen de Alencar Soares, Simone Bezerra Franco e Leides Barroso de Azevedo Moura e versa sobre o “Perfil sociodemográfico e narrativas de pessoas idosas que já viviam a solidão antes da sindemia do covid-19”. Debruçando-se sobre o tema do envelhecimento as autores realizaram uma pesquisa com um grupo de idosos com mais de 60 anos observando que a maioria das pessoas idosas já viviam a solidão antes da circulação global do SARS COV-2. A sindemia do COVID 19 em curso teve, porém, o potencial de acirrar a solidão já vivida por pessoas idosas, mas também de criar novas sociabilidades e redes de solidariedade intergeracionais.

Além das contribuições acima relacionadas este segundo número da REALIS conta com uma excelente entrevista concedida especialmente para a revista pela ilustre filósofa italiana Elena Pulcini no qual a autora desenvolve com uma linguagem envolvendo a relação complexa entre cuidado, ética e pandemia. Para ela, o cuidado é um modo de viver, uma forma de estar no mundo e de se relacionar com os outros com o poder de subverter o modelo hegemônico de individualismo, não sendo por acaso que o

cuidado foi redescoberto por mulheres. Explica Pulcini que o sujeito em relação é aquele que reconhece a vulnerabilidade constitutiva do humano, o fato de estarmos ontologicamente expostos a um vulnus (uma ferida, uma perda, uma falha). Esta é a verdade que a pandemia trouxe à tona com força, retirando o sujeito do mito da sua soberania: ela despertou a consciência, por parte de Si, da própria vulnerabilidade, juntamente com a do outro, e da relação de reciprocidade que nos liga uns aos outros.

A entrevista é rica em reflexões que contribuem para um diálogo intenso entre filosofia e sociologia o que emerge como um desafio importante para se lidar com esta crise institucional que se iniciou antes da pandemia mas que se aprofunda com o caráter extraordinário do evento.

Desejamos, mais uma vez, aos leitores da REALIS uma boa leitura. O tema da pandemia continua nos noticiários da mídia revelando que vamos atravessar momentos difíceis que exigem de todos nós paciência, sabedoria e sobretudo solidariedade até que chegue uma vacina que traga de volta a desejada pacificação. Enquanto isto, continuamos na nossa trajetória de manter nossos leitores atualizados promovendo publicações que apontem para a relevância da crítica antiutilitarista e pós-colonial na promoção de um mundo mais convivial e solidário.

**Recife (Brasil), Florianópolis (Brasil),
Roma (Itália) e Rio de Janeiro (Brasil),**

Janeiro de 2021

**Paulo Henrique Martins, Amurábi Oliveira,
Sílvia Cataldi e André Magnelli**